

REGRA  
RELIGIÃO

# 1 Manual do bom Opus Dei

ALGUNS CATÓLICOS GOSTAM DE REZAR JUNTO AO CAIXÃO DE JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER, NA BASÍLICA DE SANTO EUGÉNIO, EM ROMA, MAS OS RESTOS MORTAIS DO FUNDADOR DO OPUS DEI FORAM TRASLADADOS, EM 2002, PARA A IGREJA PRELATÍCIA DE SANTA MARIA DA PAZ



Para uns é uma organização sinistra que obriga os seus membros a sacrifícios inconcebíveis, para outros é uma instituição normalíssima que pede aos seus fiéis que cumpram, com rigor, os preceitos da Igreja Católica. TEXTO DE ANABELA NATÁRIO

Caramba, detesto aquela pessoazinha, o sorriso, os gestos, a maneira de ser, tudo! Mas vou transmitir-lhe simpatia, tratá-la bem... pelo menos hoje, ou sempre, tenho de reflectir. Posso ainda deixar de odiar taxistas, não falar mal do primeiro-ministro... Nada disto me será fácil no contexto em que me insiro, no mundo em que vivo. Falarei com o meu director espiritual se for preciso. Quem pensará assim? Quem necessita de sofrer este tipo de “pequenas mortificações” para se aproximar de Deus. E quem são? Portugueses 1500, no planeta 85 mil.

São mil mulheres e 500 homens, entre 130 a 140 dos quais padres, falando em Portugal. São solteiros, casados, militares, artistas, jornalistas, advogados, gente comum das mais variadas profissões, mas com apenas um credo e que acredita que “um dia sem

mortificação é um dia perdido”. São cristãos que resolveram tornar-se membros de uma instituição nascida há 82 anos, dentro da Igreja Católica, cujo nome nos transporta para um mundo conspirativo, misterioso, de grande secretismo. Mas que, nos tempos de hoje, até exhibe diversos *sites* na Internet.

Simplificando a linguagem e deixando a imaginação para daqui a pouco, diga-se que este conjunto de “irmãos”, pertencente a uma obra de tendência imutável, parece levar a prática religiosa mais escrupulosamente do que todos os outros membros da sua Igreja. Porque entendem que nem sempre o que é considerado moderno se revela melhor do que o passado já trouxe, estes leigos e clérigos regulam o quotidiano segundo as regras do Opus Dei, a chamada Obra de Deus que nos surge como uma ramificação católica sem meio-termo — ou é amada ou odiada.

Quem a ama diz que a instituição tenta espalhar a ideia da santificação do trabalho,

procura que as pessoas encontrem Deus nas suas circunstâncias de vida e isso nunca seria possível sem a exigência do cumprimento de certas regras. E, por isso, os seus membros, sejam celibatários ou casados, não deixam as suas casas, as famílias ou os amigos, o que fazem é compatibilizar a vida, incluindo a profissão, com a ida diária à missa, uma acção de formação semanal, conversas periódicas com o director espiritual, um retiro de duas horas, uma vez por mês, e outro de três dias, em silêncio, todos os anos.

“Não somos mais praticantes do que os outros. É verdade que se fala mais de nós do que dos restantes católicos. Mas fazemos apenas o que a Igreja nos pede”, diz Pedro Gil, do gabinete de imprensa do Opus Dei em Portugal. O catolicismo pede que se reze e a Obra faz desse pedido a sua recomendação principal, razão que leva os membros a orar de manhã e à noite, reservando o meio-dia para rezar o “Angelus”, que serve para relembrar aos católicos o



dia em que o anjo Gabriel disse a uma virgem chamada Maria, casada com um homem de nome José, que o Espírito Santo desceria sobre ela e dessa união nasceria o filho de Deus.

**Existem regras, sim.** O Opus Dei é uma organização, tem um modo de funcionamento desenhado nuns estatutos, portanto, existem regras, instrumentos que ajudam no cumprimento do objectivo de incorporar na vida um espírito. Ir à missa todos os dias é uma delas, sim, mas não é como aquelas que a ASAE (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica) controla e cujo cumprimento exige, como diz Pedro Gil com humor. “Nem podia ser. Nenhuma delas, mesmo as mais importantes, possui aquele tom cruel, duro, que tem qualquer normativa... Missa diária sim, diz a regra, agora se a pessoa não pode ir, não pode ir.”

É nestas situações, em que não pode cumprir os preceitos da Obra, que o praticante mais utilizará a figura do “pequeno mártir”.

O termo parece sinistro, mas o seu significado prende-se com a morte de Cristo. É também evidente que, mesmo sem cometer quaisquer faltas, estes fiéis tiram proveito das milhentas ocasiões que o dia-a-dia traz de denegação. E entendem dever impor a si próprios “pequenas penitências”, como proceder bem quando só apetece reagir mal, sorrir quando não se quer, ou fazer bem a cama que todas as noites se desfaz, em especial quando não há mais ninguém em casa para ver. Isto porque a ideia é a procura da santificação, ou seja, uma maior identificação com Deus, e a penitência é o convite à conversão, à mudança de vida.

Mas este comportamento regrado pode sair do limite da pequenez, com a utilização de certos artefactos para penitências corporais numa prática com centenas de anos, que o Opus Dei ainda hoje aconselha, mas apenas aos celibatários saudáveis e nunca no corpo de outrem. A instituição até entende que



**João Bosco Mota Amaral**

É um facto público e notório, como o próprio deputado do PSD diz, que é membro do Opus Dei. Mais do que isso não gosta de revelar, é uma questão de privacidade. “O que é da minha actividade pública, eu tenho de comentar sobre isso, o que se refere à minha vida interior não tenho que dar contas a ninguém.” Mas é claro que “as pessoas que são do Opus Dei cumprem as normas de vida do Opus Dei”



**Paulo Teixeira Pinto**

Entrou no Opus Dei com 27 anos e deixou de ser membro em 2007. Como afirmou publicamente, durante duas décadas, cumpriu as regras, ia à missa todos os dias, fazia os retiros, as “pequenas mortificações”. Mas chegou a confidenciar a uma amiga que o aborrecia a existência de tanta obrigatoriedade. Na sua opinião, é um plano de vida muito exigente, em especial para os membros que não residem na prelatura.



**Pedro Gil**

Advogado, tem 44 anos e há dez que toma conta do gabinete de imprensa do Opus Dei, para onde entrou ainda não tinha 17 anos de idade. O seu pai faz parte da prelatura há mais de 50 anos, a sua mãe nunca pertenceu e entre os seus cinco irmãos uns são, outros não. “Quando vivo a minha vida, apenas vivo a minha vida. Lembro-me das regras, sim, no trânsito, na declaração de IRS, na regra de três simples...”

## Como entrar no Opus Dei

**Se bater à porta** do Opus Dei não lhe vão negar a entrada, pelo contrário, a esperança é que um dia sejam muitos mais. O foco está virado para o mandamento cristão “Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças”. A ideia é levar o candidato, que tem de ter, no mínimo 18 anos, a “transformar isto em vida” e, para esse efeito, é-lhe sugerido que tenha um director espiritual, normalmente um padre, com o qual combinará a periodicidade das conversas (de 15 em 15 dias, uma vez por mês, o que for preciso). Enquanto isso, vão tratando do baptismo ou do casamento pela Igreja, no caso de o candidato não ter esses sacramentos. De seguida, falam-lhe na necessária participação nas acções de formação regulares e recomendam-lhe um programa de pequenas práticas de piedade, como rezar umas orações de manhã e outras à noite e, ao meio-dia, o “Angelus”, além da reza do terço e uma missa diárias, comungando sempre, pede-se ainda alguns momentos de oração pessoal, sem fórmula preconcebida. Pretende-se que se faça um intervalo nos afazeres quotidianos e se tente falar com Deus, pessoalmente, sem contabilizar o tempo. E como a Igreja pede que os católicos sejam evangelizadores, o Opus Dei propõe que o candidato comece por evangelizar a família, os amigos, o homem do café... Depois, há a reflexão mensal, um mini-retiro de duas horas com duas pregações e a leitura do Livro, por exemplo. Uma vez por ano, terá de fazer um retiro de três dias, que é em silêncio, mas que tem um horário preenchido “com muitas coisas”.

DESDE QUE O PAPA JOÃO PAULO II CONCEDEU, EM 1982, O ESTATUTO DE “PRELATURA PESSOAL” À INSTITUIÇÃO, SÓ É POSSÍVEL SER MEMBRO NUMERÁRIO (AQUELES QUE VIVEM NUM CENTRO DO OPUS DEI) OU SUPRANUMERÁRIO SE SE TIVER MAIS DE 18 ANOS

FRANCO ORIGLIAI/GETTY IMAGES



A UTILIZAÇÃO DE CERTOS ARTEFACTOS PARA PENITÊNCIAS CORPORAIS É UMA PRÁTICA COM CENTENAS DE ANOS, ENTRE OS CATÓLICOS, E QUE O OPUS DEI AINDA HOJE ACONSELHA, MAS APENAS AOS CELIBATÁRIOS SAUDÁVEIS E NUNCA NO CORPO DE OUTREM

## Quem era Josemaria Escrivá de Balaguer

**Morreu em Roma** no dia 26 de Junho de 1975, foi beatificado em 1992 e proclamado santo, também pelo Papa João Paulo II, pelo seu exemplo de vida, pelo facto de ter “difundido na sociedade a consciência de que todos são chamados à santidade, sem distinção de raça, de classe, de cultura ou de idade”. Nasceu em Barbastro, Espanha, no dia 9 de Janeiro de 1902, numa família de oito irmãos, teve uma profunda educação cristã. Descobre a sua vocação em criança, começando a preparar-se para ser sacerdote em Logronho, e depois no seminário de Saragoça, cidade onde se licenciará em Direito. Em 1927, vai para Madrid e no dia 2 de Outubro do ano seguinte, acredita que Deus lhe dá uma missão específica e funda o Opus Dei. Andará fugido a partir de 1936, durante a guerra civil espanhola, dará o “salto” para França. Três anos volvidos regressará a Madrid para concluir o doutoramento em Direito e partir para Roma. Aqui, será consultor de duas Congregações da Cúria Romana e empregará o resto do seu tempo em viagens pelo mundo, tentando expandir a prelatura que é o Opus Dei.

o uso do cilício, por exemplo, pode chocar ou parecer um absurdo, todavia, para os seus membros, o sentido da autoflagelação com o cinto áspero é de generosidade em relação aos outros, não o castigo do corpo. “São coisas que as pessoas gostam de fazer sem que se note ou se saiba”, elucida Pedro Gil.

**O segredo é proibido.** Esta é uma das questões que nos leva de volta àquilo que no imaginário se refere ao Opus Dei ou à Maçonaria (sociedades tidas por secretas e arqui-inimigas), muito embora a primeira pense que o binómio não seja entre uma e outra, mas, a pôr-se, será Maçonaria-Igreja Católica, já que a Obra pertence à Igreja e para esta é incompatível ser-se católico e maçom. É por isso que não se pode escamotear a publicação, em 2003, do livro de Dan Brown que causou grande incómodo, por “se estar a revelar coisas que se fazem sem que ninguém saiba”.

Não ficou por aqui “O Código Da Vinci”. A obra de ficção fala numa sociedade secreta denominada Opus Dei, sinistra, que não olha a meios para atingir certos fins. Esta não gostou e argumentou que o autor faz “uma torção de 180º”, um retrato “incorrecto tanto no seu conjunto como nos pormenores”. A instituição tem consciência das ideias que pululam sobre si, mesmo no seio da Igreja. A maior parte das vezes não reage, diz que os seus membros têm direito à privacidade, o que é diferente de manter segredo, atitude, aliás, proibida pelos estatutos.

A Opus Dei afirma que a sua proposta é que todos sejam chamados a ser santos. Na

parte de “todos são chamados” não existem dúvidas, quanto à santidade é que já ninguém sabe bem o que é, e quando se fala na santificação do trabalho ainda é maior a confusão. E é isto que também entra no imaginário do corpo delito, como diz Pedro Gil. Julga que a ideia, “em vez de ser a tentativa de abrir o coração a Deus e deixar que ele esteja connosco no dia-a-dia”, é formar uma elite, fomentando o perfeccionismo, a eficácia, a utilização dos meios adequados para atingir mais rapidamente os fins, isto através de uma concertação na actuação profissional.

“É possível que uma pessoa se aproxime à procura de vantagens, mas seria um erro rapidamente desvendado. Além disso, seria um disparate completo alguém depositar confiança profissional noutra pessoa só por a ter conhecido no âmbito de formação religiosa. Isso não é suficiente, não é um critério de valorização profissional. Não há nenhum dever de entreaajuda nesse aspecto nem deve haver sequer a expectativa. Uma pessoa tem de ter o cuidado de manter o significado e o sentido de uma instituição como é o Opus Dei”, esclarece Pedro Gil.

O princípio será o enunciado, e não haverá, na certa, qualquer regra nesse sentido, mas o normal é que as pessoas tendam a apoiar-se conforme o grupo a que pertencem, as associações de que fazem parte, o bairro onde moram, muito mais se se tratarem de núcleos com influência social. Sabe-se, porém, que quem olha para uma lavandaria e acredita que ali se lava tudo menos roupa dificilmente mudará de opinião. ■

anatario@expresso.imprensa.pt